MILHO

Preços do produto nacional estão estáveis

A recente entrada do milho importado, em fase de comercialização na Bolsa de Cereais de São Paulo, desde 8/10, lança novos dados para a composição do quadro do abastecimento interno do cereal até o início da próxima colheita. Em que pesem as críticas formuladas por amplos segmentos consumidores (particularmente entre os avicultores e suinocultores), a comercialização do produto naquele mercado vem se desenvolvendo bem. Com efeito, no mês de outubro foram negociadas 289,8 mil t para entrega imediata e 68,2 mil t para entrega futura. Nessas operações, a unidade de 60 kg, em média, foi cotada a Cr$ 236 e Cr$ 231, respectivamente.

Para o estado de São Paulo, o produto para entrega imediata (posto em armazéns distribuídos pelo interior) foi adquirido pelos consumidores a um nível de preços entre Cr$ 230 – 240/sc 60 kg. Admitindo-se que o cereal seja consumido num estabelecimento (granja ou fábrica de ração, por exemplo) localizado nas imediações da capital, e adicionando-se os gastos com o transporte à referida unidade de consumo, teremos um custo final em torno de Cr$ 260 a unidade. Nesse mesmo período, o milho de origem nacional, segundo a Bolsa de Cereais, vem sendo comercializado por volta de Cr$ 265/60 kg, granel, FOB São Paulo.

Nesse sentido, percebe-se que os preços do produto nacional têm manifestado resistência à queda, apesar da gradativa baixa de preços do milho importado, desde os pregões iniciais de outubro. Nessa comparação de preços, deve-se ressaltar que o produto norte-americano é do tipo amarelo nº 3, de qualidade estimada em 20% inferior à do cereal brasileiro. Além disso, aquele produto só se presta à alimentação animal.

Assim, face à reduzida oferta interna, com os estoques cingidos às manobras especulativas dos intermediários, e com as indústrias de rações e alimentos razoavelmente abastecidas, infere-se que a referida firmeza de preços revela que a quantidade do cereal até agora desembarcada, foi insuficiente para reduzir sensivelmente os preços de mercado.

Desde o início das primeiras negociações no mercado externo (julho), o país contratou pouco menos de 1 milhão de toneladas. Desse volume, tão somente 1/3 chegou até os portos nacionais. Dessa forma, considerando-se a crescente redução do suprimento interno à medida em que se aproxima o final do ano comercial (março de 1980), resta às autoridades governamentais a opção de intensificar as desovas nos próximos meses. Tal estratégia evitaria o surgimento de grandes entraves (pela indisponibilidade física do produto) à produção de pequenos e médios animais, e impediria o recrudescimento de uma esperada pressão altista nos preços do cereal. Para que apenas seja mantido o ritmo dos pregões de outubro, seria necessário, para os próximos três meses, um montante mínimo da ordem de 990 mil t, superior em 55% à quantidade já comprada no mercado externo e que tem desembarque previsto para novembro-dezembro deste ano. Em síntese, para poder lutar contra o preço alto e a oferta baixa, é preciso antes vencer o tempo. ✱

TRIGO

Chuvas comprometem a safra recorde

A obtenção de uma colheita recorde de trigo, em 1979, superior, portanto, à maior produção obtida no país – 3,2 milhões de t em 1976 – é hoje uma perspectiva distante da realidade. O bom desempenho inicial da cultura ficou ligeiramente

comprometido quando geadas atingiram o Paraná e Mato Grosso do Sul. Em conseqüência disso, reduziu-se em 20% a estimativa de produção paranaense, permitindo, contudo, que ainda se projetasse uma safra nacional em torno de 4 milhões de t.

No início de outubro, entretanto, chuvas intermitentes, ventos fortes, e,até mesmo, granizo, se abateram sobre o Rio Grande do Sul causando perdas que, até o momento, são estimadas em 50% das 2,4 milhões de t que seriam colhidas entre outubro e dezembro. De acordo com essa estimativa, a produção interna do cereal se situaria pouco acima das 3 milhões de t, para uma área plantada superior a 4 milhões de ha.

Os prejuízos podem ser computados de diversas formas. Quer através das receitas que os produtores deixaram de obter, quer das divisas que o país será obrigado a dispender para importar a quantidade de trigo perdida. O fundamental, entretanto, é a questão que permanece em aberto de como compatibilizar a necessidade de se produzir trigo internamente com a dificuldade de obter variedades adaptadas ao nosso clima, mais resistentes pelo menos às "armadilhas" meteorológicas.

A utilização de outras áreas para a produção de trigo pode representar alternativa, desde que sejam transpostos os obstáculos do estabelecimento da cultura em níveis comerciais nessas regiões. No cerrado, por exemplo, haveria a necessidade de irrigação, além de correções no solo, o que exigiria investimentos vultosos, viáveis, apenas, a médio prazo.

Por outro lado, os estados da Região Sul possuem uma vasta infra-estrutura montada para a produção do cereal. Além disso, o cultivo do trigo tem representado, nesta região, uma forma de amortizar os custos fixos dos investimentos com a soja, além de, nos dois últimos anos, ter contribuído para diminuir os efeitos dos prejuízos acarretados pelas perdas com a oleaginosa.

No curto prazo, entendido como um período de dois a três anos, as alternativas para a utilização da terra durante o inverno, que se faz necessária até mesmo para evitar a erosão, continuam sendo o trigo e os demais cereais de inverno. Com relação à cevada, até o momento, a produção interna é estimada em torno de 114 mil t e a demanda industrial para malteação situa-se acima de 350 mil t, o que representa a possibilidade de aumento da produção em até 200%, sem que haja problemas de absorção por parte das indústrias.

A cevada, entretanto, é tão suscetível aos rigores de nosso clima quanto o trigo, além de não contar com o apoio institucional de que o trigo dispõe. As demais culturas carecem de estímulo, uma vez que seu mercado é restrito, como no caso da aveia e do centeio. A médio prazo, a colza, oleaginosa da qual se extrai farelo e óleo, pode representar alternativa em termos de cobertura da terra no inverno assim como opção para o parque de esmagamento de soja, atualmente com capacidade ociosa superior a 50%.

Se, por um lado, os produtores praticamente não contam com outras alternativas para o período de inverno, a demanda por trigo tem crescido aceleradamente nos últimos anos, devendo superar, já em 1979, as 6 milhões de t.

Assim, mesmo que a retirada do subsídio ao consumo seja viabilizada e que a demanda pelo cereal se reduza, algumas questões ainda permanecem em aberto. Entre elas, a necessidade de produzir em áreas tradicionais ou não, o trigo que é consumido internamente. ●